

RESENHA



SACRINI, Marcus. *A científicidade na fenomenologia de Husserl*. São Paulo: Edições Loyola, 2018. 407p.

321

Prof. Dr. Giovanni Jan Giubilato

Professor visitante na Universidade Federal de Lavras¹

Publicado pelas Edições Loyola em 2018, o livro *A científicidade na fenomenologia de Husserl*, do Professor Marcus Sacrini (Departamento de Filosofia da USP) surge como uma das contribuições mais abrangentes e importantes acerca da imensa e desafiadora obra husserliana. O autor aborda o projeto husserliano de fundação teórica das ciências por meio de uma “teoria fenomenológica do conhecimento”, e ressalta a função da fenomenologia enquanto ciência originária, como “filosofia primeira” à qual fora atribuída, já nos *Prolegômenos à lógica pura* de 1900, a tarefa de complementação da lógica pura na explicitação dos fundamentos das ciências e, portanto, da possibilidade do conhecimento em geral. O estudo do professor Sacrini faz certamente “mais do que recompor em detalhe análises fenomenológicas particulares” (p. 16), segundo o posicionamento de Husserl: ele oferece, com sua

¹ E-mail: giovannijangiubilato@hotmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0305-6662>

minuciosa “reconstrução histórico-filosófica” (p.16) das posições e das teses marcantes de Husserl acerca da cientificidade (oportunamente reunidas em quatro momentos de ordem cronológica e conceitual), uma leitura e uma interpretação atentas e originais da fenomenologia de Husserl em sua totalidade. De fato, a crítica e a teoria fenomenológicas do conhecimento, empreendidas em vista da realização da “cientificidade como unidade sistêmica dedutiva de posições derivadas de princípios apodícticos” (p. 24), são uma constante, ou melhor, um dos pilares de sustentação de todo o pensamento husserliano, desde seu início, ainda no âmbito da matemática e lógica puras, até a conformação, nos anos 1930, de um grande “sistema aberto” da fenomenologia constitutivo-transcendental.

A questão da cientificidade enquanto *tema* privilegiado da reflexão husserliana não é, como bem assinala o autor, no entanto, um elemento meramente “externo” à fenomenologia. A temática da cientificidade, no contexto da fenomenologia, não diz respeito unicamente à função transitiva de fundação que a filosofia husserliana (enquanto *πρώτη φιλοσοφία*) pretende realizar em relação a algo distinto e externo a ela, a saber, em relação ao saber científico e às ciências (tanto teóricas quanto empíricas). Ao contrário, a problematização da cientificidade contribui também, e sobretudo, para a *problematização do próprio caráter científico que as mesmas análises fenomenológicas devem possuir*, em cada caso, para que a filosofia, longe tanto das especulações metafísicas quanto das pesquisas empíricas e experimentais, possa se estabelecer como *ciência rigorosa*. Assim, o questionamento filosófico dos fundamentos das ciências e sua edificação sobre as bases da crítica fenomenológica serve ao autor como “ocasião privilegiada para uma conceitualização das particularidades da fenomenologia” (p. 16) e da cientificidade específica que lhe pertence.

Em conformidade com esse duplo registro de indagação dos textos husserlianos e de estruturação da pesquisa a eles relativa, o livro é composto por quatro capítulos, precedidos por uma breve introdução sinóptica. O estudo se encerra com uma pequena porém importante conclusão, a qual não se limita a resumir os argumentos desenvolvidos e os “resultados” obtidos ao longo do texto, e seu mérito reside na capacidade de, por um lado, enfatizar os limites de uma interpretação funcionalista e redutora da tarefa científica – e aqui a referência à explícita comunhão entre o saber científico e a filosofia ganha um sentido particularmente iluminador face aos tempos de crescente obscurantismo e do declarado projeto de desmonte da ciência brasileira – e, por outro, de salientar “a importância da ciência para a humanidade, de maneira a apontar uma saída para a crise em que a humanidade encontra-se mergulhada” (p. 398).

O primeiro capítulo, *Da fenomenologia noética à fenomenologia transcendental*, oferece uma acurada reconstrução histórica daquela complicada (e tão discutida!) transformação conceitual que atravessa o pensamento husserliano no momento em que ele, inicialmente concebido como complemento filosófico à lógica pura, estabelece-se como ciência autônoma. A partir da tentativa – em alguma medida

paradoxal – de refutar as pretensões fundacionistas do *psicologismo* empregando, todavia, as ferramentas de uma fenomenologia pensada como *psicologia descritiva*, a qual assumiria, assim, o desafio de extrair as condições noéticas da lógica pura a partir da descrição estrutural e da variação morfológica das vivências (*Erlebnisse*), o autor revela os meandros da reconfiguração que, nos anos posteriores às *Investigações Lógicas* e sobretudo com as lições de 1906-07 (*Introdução à lógica e à teoria do conhecimento*), investiu a fenomenologia da tarefa de fundamentar o saber científico e estabelecer os pressupostos teóricos que condicionam seu surgimento. A análise desta reconfiguração é determinante em qualquer abordagem mais abrangente da fenomenologia husserliana na medida que ali se produz a ampliação do escopo da ciência fenomenológica que a afasta definitivamente da psicologia e se afirma como investigação puramente transcendental e metodologicamente independente. Se “os níveis morfológico e fisiológico dos atos noéticos não esgotam as questões ligadas às condições subjetivas do conhecimento” (p. 63), então as camadas “que excedem o âmbito da noética” (p. 63) dizem respeito aos “problemas mais difíceis de todos os problemas científicos em geral” (HUSSERL, 1985, 139): ou seja, dizem respeito aos problemas da *filosofia transcendental*.

O segundo capítulo tem por tema a investigação fenomenológica sobre as condições de possibilidade do conhecimento, e versa sobre a correlação intencional “entre a subjetividade e aquilo que por ela é visado como objetivo” (p. 87). Tal explicitação do *apriori* intencional entre a subjetividade e seus objetos de conhecimento deve se realizar enquanto investigação da consciência pura que respeita os critérios da cientificidade e rigorosidade – segundo a formulação do famoso ensaio de 1911, *A filosofia como ciência rigorosa*, no qual Husserl “critica a pretensão naturalista de esclarecer os fundamentos subjetivos do conhecimento por meio de uma psicologia empírica” (p. 89). Por meio de uma discussão fundamental sobre a distinção e a oposição entre fatos e essências (p. 90-116), muitas vezes negligenciada pelos intérpretes, apesar de o problema ter sido exposto por Husserl já no início de *Ideias I*, o autor argumenta que o tipo de cientificidade que pertence à fenomenologia não concerne apenas à determinação dos critérios gerais do rigor descritivo (conceitos de “variação eidética” e “intuição”), mas acaba por conduzir a questão à problemática transcendental. É aqui que Husserl discute as relações entre consciência (absoluta) e mundo (relativo), tomando por base a redução fenomenológico-transcendental e o “vertiginoso experimento” (p. 138) da destruição e aniquilação da validade ontológica do mundo existente. Enquanto “reflexão crítica que suspende os pressupostos vigentes na orientação natural” (p. 90), torna-se patente, para a fenomenologia transcendental, que a consciência, em sua pureza eidética, “não está subordinada ao mundo [...] e é desvelada como uma esfera de ser absoluta, que subsiste independentemente da estrutura ‘mundo’ e não é por essa determinada” (p. 141). Mas qual seria o método possível para uma investigação disso

que não pode ser classificado como “fenômeno” e que flerta com o reino das “irrealidades”, muito embora estejamos a ele confrontados em sua vigência?

As consequências dessa concepção da fenomenologia como ciência transcendental, bem como as problemáticas a ela inerentes, são discutidas pelo autor no terceiro capítulo *Método estático e método genético*, que oportunamente faz referência também ao volumoso terceiro livro de *Ideias: A fenomenologia e os fundamentos das ciências* – ainda não traduzido para o português e quase sempre preterido pelas aproximações em geral feitas ao projeto sistemático-transcendental das *Ideias para uma fenomenologia pura*. Dentre os méritos do livro destacam-se aqui a clareza e a precisão filológica com as quais o autor apresenta e discute a passagem que se estende das análises puramente formais às pesquisas genéticas da constituição do espírito e do mundo da experiência. Um segundo feito louvável do trabalho é o demonstrar, de modo sólido e convincente, como a concepção preliminar do “espírito enquanto domínio fundante da natureza” (p. 196) acaba por desembocar, durante os anos de 1920, numa crítica filosófica severa à orientação naturalista e via de regra ingênua das ciências. Essa crítica de Husserl, diferentemente da posição de alguns intérpretes, que erroneamente a identificam apenas na tematização do mundo da vida (*Lebenswelt*) no projeto final sobre a *Crise das ciências europeias*, encontra sua base e sua motivação, antes, já durante os anos de 1920 no empreendimento da análise genética do mundo da experiência, i.e., da análise das experiências pré-científicas e das estruturas pré-teóricas do conhecimento que atuam nas “relações intersubjetivas de um contexto histórico-cultural” (p. 233).

O surgimento de novos caminhos no pensamento husserliano, em especial aquele da ontologia fenomenológica do mundo da experiência ou “estética transcendental” – como Husserl o caracterizou ao longo dos cursos dos anos 1925-1927 – apontam para a intenção persistente de Husserl em encontrar e esclarecer as relações da fenomenologia com uma possível ciência eidética do psíquico e a instituir, portanto, as possíveis bases teóricas para uma psicologia fenomenológica (cf. p. 232-256).

Finalizando a exposição, no quarto e último capítulo do trabalho, intitulado *As ciências como produção histórica no mundo da vida*, o autor propõe uma desafiadora abordagem da última e derradeira obra de Husserl, a *Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*, à luz da perspectiva que coloca a problemática da cientificidade como protagonista das diversas fases de maturação do pensamento husserliano. Com efeito, é nessa obra, publicada em 1936, i.e., dois anos antes da morte de Husserl, que todas as temáticas fundamentais da fenomenologia parecem confluir e encenar um “acerto de contas” final. Na interpretação aqui proposta, as “linhas gerais do projeto de fundamentação das ciências por meio da clarificação dos conceitos básicos das disciplinas científicas eidéticas” (p. 259), discutidas em detalhe ao longo dos três capítulos antecedentes, revelam, enfim, “toda uma nova classe de pressupostos ao conhecimento científico, cuja explicitação vem complementar o

projeto de fundamentação do conhecimento” (p. 260). Tal *projeto* revelar-se-ia, portanto, como o verdadeiro fio condutor de toda a trajetória filosófica husserliana.

Quanto à nova classe de pressupostos ao conhecimento científico, trata-se em primeiro lugar do *problema da história* (p. 261-284), e da ambígua relação da fenomenologia husserliana com a historicidade. Com esse questionamento do tempo histórico e da sua relação tanto com as ciências quanto com a produção do saber científico, o estudo de Sacrini coloca-se *ipso facto* à altura do debate filosófico sobre aquele *Grand Partage* (cf. LATOUR, 1983) que marca não só a distinção já tradicional entre conhecimento científico e pré-científico, mas igualmente, e agora num contexto interno à própria fenomenologia, marca aquela cisão aparentemente insuperável entre fenomenologia transcendental e abordagem ontológico-hermenêutica da facticidade, da existência e da “consciência histórica”.

“A história? – pois é, a esqueci”, teria respondido Husserl a Heidegger, que o acompanhava até a estação, antes de embarcar no trem e desaparecer (PETZET, 1983, p. 86). Teria Husserl sido realmente, como Ricoeur certa vez afirmou (1987, p. 151), o filósofo “mais anti-histórico de todos”? Ao mostrar como o projeto husserliano de uma fundação transcendental da cientificidade recebeu significativas e sucessivas alterações ao longo da produtiva vida de Husserl, sobretudo graças ao desenvolvimento do método fenomenológico genético, chegando a configurar-se como uma *Besinnung* que almeja “o desvelamento das estruturas intencionais de transmissão e sedimentação por diferentes gerações de um sentido” (p. 284), o professor Marcus Sacrini nos impõe o desafio de questionar ou, pelo menos, de repensar a acusação já tradicional de que a fenomenologia husserliana padeceria de um completo esquecimento da história da historicidade *tout court*.

Após uma discussão do diagnóstico husserliano de uma profunda crise das ciências (p. 285-308), cujo núcleo temático é indagado em sua gênese intencional-histórica (matematização da natureza, interpretação objetivista-funcional da ciência), a segunda parte do capítulo consegue apresentar claramente o modo como os componentes eidéticos do mundo da vida – as estruturas que aparecem na ontologia fenomenológica da constituição transcendental do mundo – representam aqueles fundamentos das ciências que permaneceram, até o trabalho genérico-arqueológico da análise fenomenológica, ocultos e esquecidos.

A ontologia do mundo da vida almeja, dessa maneira, explicitar as condições “objetivas” últimas que devem ser cumpridas para a produção do conhecimento, isto é, os pressupostos genéticos referentes às regiões mundanas por meio das quais os domínios objetivos e as disciplinas científicas correspondentes são formulados (p. 358).

Finalmente, na última parte do texto, encontramos um interessante esboço que problematiza as questões relativas à redução fenomenológica e à interpretação da

subjetividade transcendental em relação à existência concreta-mundana do indivíduo psicofísico. Com isso, a apresentação das diferentes temáticas relativas à antinaturalidade da fenomenologia aponta para um tema de grande atualidade e de interesse específico para a recepção da fenomenologia no Brasil: a questão da “mundanização do transcendental” e das “operações transcendentais constituidoras do mundo” (p. 382-383).

Em resumo, podemos dizer que a clareza expositiva e a ordem das argumentações, acompanhadas pela precisão filológica capaz de nos guiar ao longo da complexidade das obras husserliana e suas referências internas, fazem do estudo de Marcus Sacrini uma interpretação compreensiva – no duplo sentido do entendimento e da extensão – da fenomenologia husserliana. A escolha do fio condutor da cientificidade foi certamente uma decisão feliz, na medida em que estabelece solidamente a perspectiva através da qual toda a intrincada conceitualidade da filosofia husserliana se deixa mais facilmente abordar e articular. O trabalho se consolida, assim, como ferramenta indispensável para a compreensão da *ideia da fenomenologia*, de seu desdobramento histórico e de sua atualidade.

REFERÊNCIAS

HUSSERL, E. *Einleitung in die Logik und Erkenntnistheorie. Vorlesungen 1906-07*. Hua XXIV. Den Haag: Nijhoff, 1985.

PETZET, H. W. *Auf einen Stern zugehen*. Frankfurt a.M.: Klostermann, 1983.

LATOUR, B. Comment redistribuer le Grand Partage. *Revue de synthèse*, 104 (1983), 203-236.

RICOEUR, P. *Husserl*. Evanston: Northwestern University Press, 1987.

Submetido: 10 de junho de 2021

Aceito: 09 de julho de 2021